

À MESA COM O VALOR - RUTH ROCHA

Entre sushis e sashimis, a premiada escritora esbanja bom humor ao contar histórias de sua vida e da carreira literária. Por **Adriana Abujamra**, para o Valor, de São Paulo

A encantadora de crianças

Era um domingo quente de 1969. Ruth Rocha vestiu seu maiô e chapéu e foi nadar na casa de Sonia Robatto. A amiga abriu a porta, segurou-a pelo braço e a levou até uma salinha. Lá, tinha uma máquina de escrever e uma pilha de papel em branco. “Senta aí e escreve uma história”, disse Sonia, que precisava urgentemente de algo para publicar na revista “Recreio”, da qual era diretora. Para que Ruth não escapulisse, trancou-a lá.

Trancou é modo de dizer, não? “Nada, trancou mesmo! Girou a chave e me deixou lá.” Sem chance de fuga, Ruth pegou como mote uma pergunta da filha — “por que preto é pobre?” — e escreveu sua primeira história numa sentada só: “Romeu e Julieta, a Borboleta”, sobre uma borboleta amarela e ou-

tra azul, que juntas enfrentam preconceitos.

Quarenta e quatro anos, 130 livros, 12 milhões de exemplares vendidos, histórias traduzidas em 20 línguas e 29 prêmios depois — entre eles o da Academia Brasileira de Letras e 5 Jabutis —, Ruth Rocha é hoje um dos nomes de maior destaque na literatura infantil.

Mas números não são o forte da escritora. No almoço no Mori, Ruth anuncia que comerá apenas seis sushis. “Gente, nós vamos para o inferno de tanto comer”, dirá, depois de tragar bem mais do que a meia dúzia prometida. Mas isso já é o fim de uma história que começou às 13 horas de uma segunda-feira de sol com um táxi parando na porta do restaurante japonês em Perdizes, São Paulo.

Dele desce Ruth Rocha, toda de branco, apoiada numa bengala. Assim que nos vê, a

boca pintada de batom bem vermelho se abre num sorriso largo. A mesa que nos reservaram fica no piso superior e a escritora, que aos 81 anos está com visão limitada — “um olho nada e o outro muito pouco” —, prefere aguardar que vague lugar no térreo para evitar subir tantos degraus. Mas, como disse sua secretária ao telefone “fora isso, ela está melhor que todos nós”.

Assim que nos sentamos num banco de madeira na entrada, Ruth engata uma prosa, com voz rouca. “Eu era meio-soprano, fiquei com voz grossa depois de velha”, vai logo esclarecendo a mulher que durante anos cantou em bares de jazz da noite paulistana. Seu aprendizado foi feito com a avó Neném e com uma tia, que lhe ensinava as marchinhas de Carnaval. E, sem aviso prévio, solta a



GALERIA



Ruth visita escola suíça em São Paulo em 1999: jeito com os pequenos



Junto da família: em 2002, com os netos Pedro e Miguel (no colo), ao lado de Pedro e do saudoso marido, Eduardo, seu companheiro por 60 anos; e em 1987 (acima): casal foi parceiro em livros para os netos

voz, para deleite da moça do caixa, que larga a papelada que tem na mão para ouvi-la. "Loirinha, loirinha, dos olhos claros de quintal/ Desta vez em vez da moreninha/ Serás a rainha/ Do meu carnaval..."

Faz uma pausa com um sorriso, como se o restante da música continuasse a tocar em sua cabeça, e diz que sempre foi otimista e de bem com a vida. "Tive uma infância divertida, repleta de cantigas e histórias." Histórias, como ela gosta de dizer, que entraram em sua vida "pelo caminho mais efetivo, o afetivo". A mãe, Esther, lia Monteiro Lobato para os cinco filhos. Já o avô Ioiô era "um narrador profissional, sabia tudo de cor" e prescindia dos livros para narrar. O homem era filho de baiano com sergipana e nascido no Pará. "Mas, como diz o ditado, gato que nasce em forno não é biscoito... Ele era baiano de jeito" e adaptava todas as histórias para Salvador.

Apoia as duas mãos na bengala, descansa o queixo sobre elas e imita o avô. "A princesa casou-se com o príncipe, fizeram uma grande festa, peguei uma bandeja apinhada de doces pra trazer para vocês — aí ele elencava todos aqueles doces baianos: tinha bombocado, papo de anjo, alfenim, que é um doce de açúcar feito bala de coco —, mas passei na ladeira do Escorrega, escorreguei e quebrou-se tudo."

A diversão era do lado materno; já o avô paterno "era um ranzinza...", diz numa careta. Um dia, quando eram pequenos, Álvaro, o pai de Ruth, e seus irmãos estavam almoçando quando ouviram uma banda passar. A molecada se alvoroçou e correu para ver de perto. Fim da história? O patriarca tirou a comida da mesa e deixou a prole passar fome para aprender bons modos. Adulto, o maior temor do pai de Ruth era herdar a ranhete do próprio pai. "Ah, bem, você não vai fazer isso pra mim?", provocava a mulher. "Logo vi, tal pai tal filho." Bastava a ameaça para ele fazer tudo o que Esther queria. "Olho a vida dos meus pais e vejo que eles viveram para a gente." O casal já morreu, mas Ruth e seus quatro irmãos até hoje fazem uma grande festa em 28 de junho, data de aniversário de casamento de Esther e Álvaro, para celebrar a "fundação da família".

Essas coisas de tristeza — ela diz — não são de seu feitio, e evita escrever sobre temas mais delicados para as crianças, como fazem outros autores que falam de morte e doença. "O máximo que escrevi foi 'E Se de Repente dá Certo', sobre pais separados." E basta.

Nos livros quem manda é ela, mas na vida é impossível suprimir os capítulos mais duros. "Sinto uma falta do meu companheiro...", diz referindo-se ao marido, o empresá-

rio Eduardo Rocha, que morreu em janeiro do ano passado. "Estou pensando uma coisa e já quero contar para ele. Foram 54 anos de casados e 60 de convivência, e nunca brigamos." Nunca? Qual é o segredo? Ruth diz que tinham lá suas desavenças, mas em hipótese alguma dormiam brigados. Ele perguntava: "E aí, vamos fazer as pazes antes ou depois do almoço?"

Nossa mesa, enfim, está vaga, anuncia o gerente, para nossa alegria e tristeza da moça do caixa, que até então se distraía com nossa conversa. Ruth senta-se de costas para a janela e logo retoma a conversa.

Quando o marido se aposentou — era dono de uma fábrica de bolsas —, passou a dedicar-se ao desenho. Ruth, na época, escrevia uma série de histórias contada por uma família de tatus, inspirada nos netos Miguel e Pedro, e convidou o companheiro para criar os bichos. O trabalho ficou tão bom que a parceria se repetiu em "Odisseia" de Homero, adaptada por Ruth para a Companhia das Letras, e em outras histórias. "Ele ganhou o prêmio maior de ilustração da Fundação Nacional para o Livro Infantil e Juvenil e o da Academia Brasileira de Letras", propaganda de boca cheia, mas estômago ainda vazio. "Vamos pedir?"

Sem nem olhar o cardápio, anuncia que comerá apenas os tais seis sushis, mas aceita, sem a menor resistência, nossa sugestão: um combinado para três e suco de tangerina. "Sabe, o Eduardo me amou até a morte", diz, com os olhos marejados, assim que o garçom se afasta. "Do primeiro ao último dia. Ele me amava tanto, mas tanto, nunca tive dúvidas disso."

Depois de dobrar e desdobrar o guardanapo em silêncio, volta à conversa. Os dois se conheceram na faculdade de ciências sociais da Escola de Sociologia e Política da USP. Assim que o viu "lá longe, alto, disse: ah, é ele" — e novamente a boca vermelha sorri. O garçom chega com os sucos e uma entrada. "Gente, está uma delícia", ela diz, assim que prova a berinjela.

Ruth nunca sonhou em ser escritora. Seu plano era cursar psicologia, mas acabou fazendo sociologia. Por quê? "De tantã", afirma, caindo numa risada de sacudir o corpo. A razão da escolha foi o livro "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre. Mas quando saiu da faculdade não conseguiu emprego na área e foi trabalhar na biblioteca do Colégio Rio Branco.

"Nessa história de falar com os pequenos, ganhei uma corte, eles viviam em volta de mim." O diretor não tardou a convidá-la para ser orientadora educacional, posto em que, entre outros encargos, tinha de li-

“ ‘A Cidade e as Serras’, de Eça de Queiroz, foi meu encontro, ou melhor, trombada com a literatura. Foi decisivo para que me tornasse escritora ”

dar com os alunos-problema. Tinha um moleque, “vadio, mas uma graça, inteligente que só”, que se recusava a estudar. Um dia ele enfiou a cabeça dentro de sua sala e anunciou todo contente — “Dona” — era assim que eles a chamavam. “Ó, dona, tirei 10 em inglês.” Ruth parabenizou-o. “Viu que bacana? É só você estudar que tira notas boas.” Ao que o moleque retrucou: “Nada, dona, coleí tudo.”

Foi conhecendo de perto as artimanhas das crianças que Ruth achou um canal certo para falar com elas, o que mais tarde lhe seria muito útil como escritora. “Hum, é hoje”, diz, quando o garçom coloca nosso prato colorido sobre a mesa. Enche o potinho de shoyu, pesca um sushi de salmão e mastiga bem devagar, saboreando em silêncio. “Que coisa boa”, elogia, já de olho no sashimi de atum que atacará em segundos.

Mas restringir seu sucesso à sua experiência de 15 anos em escola seria um erro, pois, se isso bastasse, o mundo estaria abarrotado de bons escritores. Outros fatores contribuíram para que ela se tornasse a escritora que é: seu otimismo e riso fácil, as histórias ouvidas na infância e também o fato de Ruth ser uma leitora voraz. Começou com os gibis — ela e seus irmãos tinham conta no jornaleiro e podiam pegá-los à vontade e pagar só depois. Aos 13 anos, descobriu a Biblioteca Circulante no centro da cidade e deparou com aquela quantidade enorme de livros. Por onde começar? Já sei, pensou, pegaria do primeiro ao último livro de cada estante até dar cabo de todos.

Um livro que a marcou foi “A Cidade e as Serras”, de Eça de Queiroz. “Foi meu encontro, ou melhor, trombada com a literatura. Fiquei impressionadíssima e foi decisivo



para que eu me tornasse escritora.” De repente, Ruth para de falar, olha para a fotógrafa, sorri e permanece imóvel, encarando a câmera. Ana Paula Paiva aconselha que ela fique à vontade, fará seu trabalho enquanto a gente conversa. “Mas você não para de me espiar, resolvi te dar um sorriso”, explica num sorriso ainda mais largo.

A vista ruim não a impede de ler e reler seus escritores prediletos, Guimarães Rosa, Hemingway, Faulkner, Saramago, e os poetas Manuel Bandeira e Fernando Pessoa. “Mando o que eu quero ler para ampliar no xerox e ler depois, facilita. Mas com isso leio e trabalho menos”, lamenta. Interrompe a fala para pegar um sushi “Este aqui é de alguma coisa que eu não imagino o que seja.” Prova e aprova. “Hum, gente, é bom demais.”

Foi mais ou menos assim que iniciou sua carreira de escritora: no início não fazia ideia do que era, mas, assim que experimentou, gostou tanto que não parou. Ruth tinha 37 anos na ocasião de sua primeira história e 46 quando “Palavras Muitas Palavras...” — seu primeiro livro — foi publicado. Antes disso, era orientadora educacional, escrevia artigos sobre educação para a revista “Cláudia” e criava brincadeiras para a “Recreio”.

Os estudiosos da literatura para crianças são unânimes em dizer que Ruth Rocha — ao lado de Ana Maria Machado, Ziraldo, João Carlos Marinho, entre outros — revolucionou o universo de leituras disponíveis na época, que desde Monteiro Lobato andava à míngua. Entre Lobato e essa geração que despontou nos anos 1970, boa parte dos textos postos nas mãos de crianças vinculavam ideias moralistas desprovidas de humor, nada ao gosto dos pequenos.

Eram histórias selecionadas pelo que tinham de “mensagem”, com o intuito de passar valores e ensinar gramática. Como bem dizia Lobato, “capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre”. Ruth admira profundamente Lobato, que botou na boca de Emília o que ela considera a síntese da rebeldia. “Quem é você?”, perguntaram para a boneca. “Eu sou a Independência ou Morte!”, respondeu ela. Por isso a escritora diz “ter uma bronca” com a mania do politicamente correto.

Uma editora, ela conta, aconselhou-a a tirar o cachimbo da boca do Saci-Pererê. “Falei: quem são vocês para mudar o folclore brasileiro?” Em outra ocasião, queriam que ela ensinasse todo o abecedário para crian-

Ruth: “Tive uma infância divertida, repleta de cantigas e histórias”, que entraram em sua vida, como gosta de dizer, “pelo caminho mais efetivo, o afetivo”



ANA PAULA PAIVA/VALOR

"O segredo é escrever como eu penso, não sou moralista, mas tenho um senso de justiça e ética", diz a escritora

ças de 3 anos, que, como está claro nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ainda não estão aptas para isso. O que a senhora fez, argumentou? "Não, briguei mesmo", relata, arrancando risadas da audiência. "Eles não têm ideia do que é criança, do que é brincar. Dizer anão agora é pecado, tem que ser verticalmente prejudicado." Pois é, logo mais a Branca de Neve estará acompanhada pelos Sete Verticalmente Prejudicados.

Mas ser contra a patrulha do politicamente correto não significa abrir mão do bom senso e do respeito humano. "O segredo é escrever como eu penso, não sou moralista, mas tenho um senso de justiça e ética." Encara o prato e come mais um sushi antes de prosseguir. Ruth recorda que reescreveu metade de "O Mistério do Caderninho Preto" (Ática, 1991) depois que o marido apontou o que achava ser uma injustiça no texto. O personagem que roubava o tal caderno do título chantageava os amigos, mas acabava impune. Ruth, sem discurso moralista, mudou metade da história.

"O personagem continuava a chantagear os colegas, mas dava tudo errado. Ele mandava uma menina fazer o trabalho para ele, mas tirava nota baixa. Proibia um menino de namorar a menina em que ele estava de olho, mas a menina escolhia um outro."

O garçom recolhe os pratos e pergunta se queremos sobremesa. "Não, não", responde, categórica, com a mão na frente da boca. "Mas tem um tempura de sorvete que é mui-

“Eles não têm ideia do que é criança, do que é brincar. Dizer anão agora é pecado, tem que ser verticalmente prejudicado”

to bom", provoca o garçom. "Hum, ah, eu quero!", diz, sucumbindo aos prazeres da gula numa gargalhada. Quando o garçom se afasta, peço que conte um pouco sobre seu processo de criação.

Ruth sempre trabalhou em casa escrevendo à mão ou à máquina. Só se senta para pôr a história no papel quando está praticamente pronta na sua cabeça. Escrever, ela diz, é algo que flui com muita facilidade, sem sofrimento. Material para suas histórias ela garimpa da memória, de cenas que vê e de diálogos que pesca aqui e ali e anota num caderninho. "Sonho não uso para



ANA PAULA PAIVA/VALOR

Pequenas delícias

Mori Sushi, São Paulo

| | | |
|---------------------|---|-------------------|
| Água | 4 | 20,00 |
| Suco de tangerina | 3 | 19,50 |
| Combinado para três | 1 | 129,00 |
| Tempura de sorvete | 3 | 24,00 |
| Café | 3 | 6,00 |
| Subtotal | | 198,50 |
| Serviço | | 19,85 |
| Total | | R\$ 218,35 |

criar, de sonho não se aproveita nada, sonho é uma droga, né? Você acorda e em três minutos já esqueceu", comenta, antes de dar a primeira colherada no tempura de sorvete, seguida de "hum, que delícia".

"A gente ouviu uma boa história e aquilo fica rondando na cabeça e um dia você usa." Como um caso que aconteceu com seu sogro e foi parar no livro "Historinhas Malcriadas" (Salamandra, 1987). Quando seu sogro era menino, achou um maço de cigarros e fumou todinho. A madrinha e uma vizinha descobriram e, temendo a reação do pai do garoto, que era bravo e tascava tapas a torto e direito, decidiram esconder a prova do crime. Como o cheiro de cigarro não saía da sua boca nem com esfregão, tiveram a brilhante ideia de lavar a boca do menino com pinga. Final da história: apanhou em dobro, porque fumou e porque bebeu.

Outro caso que migrou da vida para o livro foi o de uma de suas sobrinhas "encepetada". Sempre que era colocada de castigo no quarto, a menina pegava o telefone e ligava para a avó. "Olha só, vó, sua filha fez uma coisa muito feia! Você, que é mãe da minha mãe, vê se coloca ela imediatamente de castigo." Caímos na risada. Mal nos recompomos, Ruth já tem outra história na ponta da língua, com pleno domínio da plateia. Muitas dessas narrativas fazem parte de "A Menina Que não Era Maluquinha" (Melhoramentos, 2006).

Alguma relação com "O Menino Maluquinho", de Ziraldo? Raspando o restinho

“**Sonho não uso para criar, de sonho não se aproveita nada, sonho é uma droga, né?**”

do doce no prato, conta que um dia Ziraldo perguntou se ela escreveria a versão feminina de seu famoso personagem e ela topou na hora. Correu a contar a proposta para Breno Lerner — editor da Melhoramentos —, que aprovou a ideia e foi comemorar com Ziraldo. “Que bacana, a Ruth vai escrever a ‘Menina Maluquinha’”, ao que o autor teria respondido: “Mas eu não disse nada disso”. Faz uma pausa, larga a colher sobre o prato e prossegue. “Isso ficou atravessado, por aqui, ô”, diz com um gesto da mão mostrando o meio da garganta.

Tempos depois, ela conta enquanto adoça seu café, Ziraldo ligou para Ruth perguntando se ela escreveria um livro para ele ilustrar. “A Menina Maluquinha?”, ela quis saber. “Não, este eu é que estou fazendo”, teria respondido. Ruth solta uma gargalhada: “Foi aí que fiz ‘A Menina Que não Era Maluquinha.’”

Mas os dois continuaram a trabalhar juntos em outras histórias. Ruth tem na parede de casa uma caricatura que Ziraldo fez dela — “mas tão bonitinha, mas tão bonitinha, nunca fui tão bonitinha assim” — e o autor escreveu um texto carinhoso sobre a amiga

para um livro feito para celebrar os 40 anos de carreira de Ruth.

A Editora Salamandra, mentora da homenagem, tem, desde 2009, um contrato de exclusividade com a autora e vem relançando toda a sua obra com novos projetos gráficos. Essa mudança, ela diz, lhe deu um bom retorno financeiro e também muito trabalho — revisar os textos, escolher fotos e ilustradores. Por causa disso e da doença do marido nos últimos anos, ela conta que não lançou títulos novos, mas sonha em escrever um raconto sobre “A Origem das Espécies”, de Darwin.

E, se depender de sua vontade, não haverá noite de autógrafos. “No começo eu gostava, mas, depois, é muito chato amolar os amigos, escrever dedicatória. Tem uns caras que fazem umas coisas bacanas, mas ah, eu faço sempre as mesmas: ‘Com carinho’, ou ‘Com alegria’, ou ‘Com simpatia.’” E novamente dá um sorriso largo. ■

Valor
análise
setorial

Levantamentos setoriais
completos, de uma
forma que só o **Valor Econômico**
sabe fazer.

Saiba mais, adquira:
<http://setorial.valor.com.br>

